

**“NOSSO REIS DE CONGO”:
REPRESENTAÇÕES DA REALEZA NO CONGADO DE POMBAL-PB**

THIAGO DOS SANTOS FARIAS
UFCG
thiagodossantosfarias@gmail.com

RESUMO

A figura do Rei no congado ganha destaque, sua desempenho “teatral”, seu traje branco, coroa na cabeça e um guarda chuva para se proteger do sol, remonta as antigas embaixadas africanas do século XVI. Todavia, em Pombal-PB o aspecto mais festivo e de louvor ao catolicismo tem maior expressão nas ações desta figura com significado renovado. O objetivo deste trabalho é analisar as representações relacionadas à figura do Rei de Congo na cidade, os aspectos simbólicos e culturais. A justificativa parte do principio de podermos compreender melhor esse destaque do Rei e seu significado para a cultura local. Partimos então, de uma metodologia de análise bibliográfica e do canto de embaixada dos congos. Teoricamente o texto terá como norte as discussões estabelecidas por Roger Chartier (1990), Marina de Mello e Souza (2006) e Roberto Benjamin (1977) acerca do tema.

Palavras-chave: Rei de Congo; representação; cultura.

INTRODUÇÃO

O rei do congado em Pombal é uma figura representativa que chefia o grupo conhecido como “Pretinhos de Congo”, uma referência certamente à reminiscência de um passado africano distante, porem mantendo a nomenclatura que incorpora a simbologia ritual presente lado a lado as praticas religiosas do catolicismo romano, da devoção aos santos mais comuns como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Portanto, este trabalho busca perceber como o reis de Congo⁷³ nomeadamente uma figura simbólica pode ser percebida a partir de sua representação de realeza. De seu status divino que remonta a uma tradição africana trazida para as Américas e reconstituída a partir dos agrupamentos das irmandades negras.

A análise aqui pretendida comporta enfatizar aspectos relevantes e que aparecem nos textos da bibliografia citada e que sem dúvida é o ponto chave para iniciarmos nossa discussão.

⁷³ A palavra reis de Congo é uma acentuação de documentos da época colonial onde administradores assim se referiam aos reis constituídos no Brasil dentro das irmandades negras que eram devotas de orangos (santos católicos de sua preferencia).

Primeiramente propomos perceber a partir do tópico **“Reis negros e o poder simbólico na historiografia afro-brasileira”** como alguns autores - principalmente Marina de Melo e Sousa (2002) e John Kelly Thornton (2004) - discutem o contexto que antecede a chegada ou mesmo a constituição destes reinados negros na América e no Brasil. Também apontamos por meio de outro tópico intitulado: **“Meus Pretinhos do Congo” na procissão do Rosário** “” o papel exercido pelo rei do congado em Pombal quando das celebrações relativas a Festa do Rosário acontecida a cada primeiro domingo de outubro. E por último, asseveremos a discussão denominada **“Nosso Reis aqui não manda...”** para compreender o papel do reis de Congo entre os seus numa referencia a sua “autoridade divina”.

A metodologia do trabalho consistirá da análise bibliográfica disponível sobre o tema cujo material é composto por artigos e livros, fazendo uma leitura e interpretação dos textos. A partir dai poderemos melhor entender a proposta aqui encabeçada em relação a análise das representações sobre reis de Congo. Além disso, a leitura que faremos é uma leitura ancorada na História Cultural onde diversos autores têm sustentado suas abordagens sobre os conceitos de práticas, representações, imagens, simbologias e rituais.

Ao final, pretendemos concluir nossa discussão para tentar perceber como essa figura do reis de Congo se constitui em Pombal e quais os aspectos representativos que lhe confere autoridade diante dos seus e do lugar em que se reelabora estas representações.

REIS NEGROS E O PODER SIMBÓLICO NA HISTORIOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA.

Ao iniciarmos este tópico cabe aqui falar um pouco do contexto em que essa realeza se insere e da historiografia sobre os reis negros que remonta a África Centro Ocidental (Reino do Congo e Angola), onde Marina de Mello e Souza relata que “Os indícios para o século XVIII mostram que havia celebrações em torno de reis de diversas nações, preferencialmente centro-africanas, mas não só, enquanto as fontes relativas ao século XIX falam quase só em rei do Congo” (2005, p. 83). Isto inca que a realeza existia por toda África central, porem haverá de se destacar os reis de Congo, que provavelmente tiveram uma acentuada participação nas práticas do catolicismo romano implementadas nesta parte do continente, bem como tiveram também uma reação muito forte com o trafico

pelo fado de haver um destaque destes nos relatos do século XIX, um momento de acentuado tráfico de africanos para as Américas, principalmente.

Esse contexto, é fundamental para entendermos como se constrói essa acentuação e um relato mais aprofundado sobre os reis de Congo. Não que deixasse de existir outros reis, outras autoridades, porém estes acabou por algum motivo se destacando. Talvez o motivo seja esta presença forte de uma estruturação hierárquica romana que fez com que adaptações fossem mais fáceis para os reis de Congo do que para outros reis. Era comum que reis de várias nações se reunissem para festejar ou mesmo para prestar homenagens. Sobre isso, podemos perceber o seguinte:

Apenas amanhecia o dia de Reis, o campo de São Domingos, nas proximidades da capela, opulentava-se de um espetáculo variado e estranho em que Moçambiques, Cabundás, Benguelas, Rebolos, Congos, Cassanges, Minas, e a pluralidade finalmente dos representantes das nações d'África, escravos no Brasil, exibiam-se autênticos, cada qual com seu característico fundamental, seu tipo próprio, sua estética privativa (FILHO, 1945, p. 383 *apud* SOUSA, 2005, p. 83).

O relato do autor acima demonstra uma diversidade de nações com seus ritos, cores, performances e todo um “variado espetaculoso” criando encenações, danças, forma de apresentação no dia Reis para juntas as nações, festejar o espetáculo divino que hora se manifestava em suas ações e crenças. Estas representações, encenações são maneiras de “enxerguemos uma variabilidade de imagens e textos produzidos historicamente e que permitem observar as práticas sociais e estratégias dos homens no seu cotidiano” (CHARTIER, 1990, p. 21-25), são variações das práticas destas nações reunidas em práticas seus ritos de fé. A dança, a música, os trajes são representações destes reis e o destaque do reis de Congo é a síntese da compreensão de que o universo simbólico africano por mais que existam pontos específicos é de uma variabilidade enorme de práticas simbólicas.

Esta variabilidade também se sustenta na especificidade e na historicidade de acontecimentos que existe no contexto dessa África Central e que aqui discutidos nos faz perceber como a importância destes reis. E novamente Marina de Mello e Souza nos chama a atenção quando se trata de reis de Congo para dizer que:

A crônica portuguesa da época registrou com detalhes os episódios ligados à conversão dos chefes congolezes e no século XVI houve uma grande aproximação entre Portugal e o Congo, que no entanto manteve sua soberania. O momento de maior força do chamado reino do Congo - um determinado

território cujas aldeias se sujeitavam a uma autoridade central - foi o período do governo de Mbemba Nzinga (1507-1542), batizado ainda criança com o nome de Afonso no momento inaugural da aceitação do catolicismo por parte de alguns chefes congolezes. D. Afonso I entrou para a história como o mais importante rei católico do Congo, mantendo correspondência com D. João II, D. Manuel I e D. João III de Portugal e apoiando a disseminação do catolicismo entre a população por ele governada (2005, p. 84).

As informações acima sobre o reino do Congo e sobre a realeza nela, seu poder, suas relações e a manutenção das relações com os reis de Portugal determinaram essa acentuação de que os reis de Congo são a expressão mais conhecida entre todas as nações africanas existentes. O fato de um rei convertido ao catolicismo ainda criança é uma notória demonstração do peso simbólico que estes reis desempenharam durante o processo de cristianização da África Central junto com todas as outras formas de relações estabelecidas sejam elas de conflitos militares, econômicos, políticos ou mesmo de uma diplomacia demonstrada nessa representação e adoção de nomes portugueses para reis africanos.

Há que se compreender, portanto, que não há o estabelecimento de relações superficiais, simbólicas, mas de uma profundidade que chama a mudança de nomenclatura do chefe local para atender um conjunto de interesses de ambos os lados. A conversão católica é, portanto, para esse reis uma experiência que será revivenciada nos trópicos americanos no decurso dos séculos, principalmente o século XIX, momento em que as organizações leigas - irmandades - se constituem para formatar sua resistência cotidiana.

O aporte fundamental para isso talvez esteja na lógica de que o tráfico escravo foi mais que uma atividade comercial com relação as pessoas, mas também um momento onde houve uma reelaboração cultural transposta por essa ruptura, por essa desterritorialização. Sobre isso, John Kelly Thornton (2004) reflete da seguinte forma:

A ausência de uma especificidade étnica e cultural necessária para manter ou recriar a cultura africana nas Américas levou os escravos a formarem uma nova cultura. Essa nova cultura tem raízes africanas, baseia-se num denominador comum das muitas variadas culturas da África que serviram de alicerces, porém foi criada em um contexto no qual os elementos da cultura europeia serviram de material de ligação. Além disso, não somente a cultura europeia infiltrou-se na sociedade escrava, mas ela era muito mais homogênea do que as diferenças culturais africanas, conferindo-lhe uma coerência que faltava nas da África. A mistura resultante foi nitidamente influenciada pelas culturas europeia e euro-americanas, com elementos africanos dando-lhe mais sabor do que substância (2004, p. 254).

Compreendemos assim, que as trocas culturais, as relações estabelecidas e essa desterritorialização tem um efeito prático no decurso do tempo. E que a forma como a população negra se organizou dentro do espaço das irmandades negras com seus reis de Congo demonstra a capacidade de resistência cultural dos povos africanos, principalmente aqueles que foram influenciados pelo catolicismo em sua integralidade.

“MEUS PRETINHOS DO CONGO” NA PROCISSÃO DO ROSÁRIO.

O primeiro domingo de outubro é Festa do Rosário em Pombal e os chamados “Grupos Folclóricos” participam ativamente da festa em louvor aos santos católicos, em nome da cultura e da tradição. Todos reunidos: Pontões (Soldados do Rosário), Congos (Pretinho de Congo) e o tradicional Reisado que se apresentam a população no cortejo que leva o Rosário até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no centro da cidade construída por nativos (Índios) e africanos escravizados, e datada de 1721. Lateralmente situada a centro histórico da cidade o monumento religioso é abrigo da fé popular das expressões da cultura local.

É no Domingo do Rosário que o grupo cultural mais festejado participa: os Congos, tendo atualmente o senhor Miguel Ferreira como “Reis”.



Figura 1: O Reis de Congo de Pombal no centro com guarda-sol na mão o senhor Miguel Ferreira (Acervo pessoal do autor).

No congado de Pombal o reis de Congo se apresenta como chefe do grupo e é ele que conduz os congadeiros⁷⁴ com seu traje de paletó branco, coroa na cabeça, guarda-sol na mão direita e coroa enfeitada na cabeça (nos últimos anos tem sido cinza o paletó por uma preferéncia do senhor Miguel Ferreira) como simbologia de sua “chefatura” diante do que representa para os congadeiros.

Durante o cortejo do Rosário se limita a acompanhá-lo sempre no centro ladeado por seus comandados (os congos) que em numero de dez na forma duas filas (cordão ou ala) de cinco cada. Uma vestida de camisa azul longa com uma faixa vermelha e saia de renda branca a outra com camisa vermelha longa com uma faixa azul e saia branca de renda. E todos com um “chapéu” em forma de cone nos mesmos padrões dos trajes para cada lado, empunhando na mão direita seus maracás. Estes são os trajes simbólicos que comporta os congos para a participação no cortejo e sua apresentação.

A ritualística do congado de Pombal se comporta como uma embaixada africana que remonta as relações travadas por congolese e portugueses no século XVI, cujo papel de apresentação do congado se dá pela via do auxiliar do rei, o secretário:

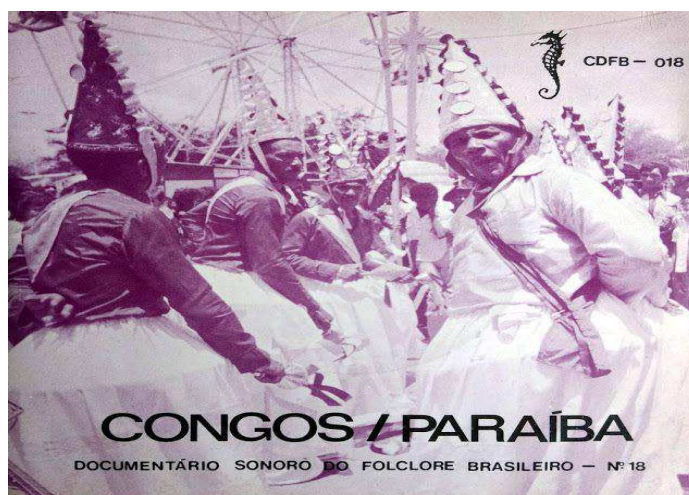


Figura 2: Do lado direito da imagem destaque para Francisco Tertuliano de Sousa (Chico Barro), secretário do congado de Pombal entre as décadas de 1970 e 1980 (Imagem adaptada: capa do Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro - nº 18).

Na ritualística do congado de Pombal o Rei e o Secretário são figuras extremamente importantes, são eles os puxadores da música, da dança e tem a responsabilidade de manter acesa o desejo dos brincantes de continuar dançando e participando das expressões representativas que o grupo realiza.

⁷⁴ Denominação literal para aqueles que dançam ou brincam o congado.

Durante o cortejo do Rosário, procissão que sai da “Casa do Rosário” e vai até a igreja no centro da cidade. Nela o comportamento dos congos é de acompanhar o Rosário e dar projeção ao Rei e Rainha do Rosário que em suas mãos carregam o objeto religioso com o devido zelo, inspirados na fé católica que os guia. Os Congos rufam seus maracás, como sinal de sua presença no cortejo e rememorando a ritualística de sua encenação dramática acompanhada do som deste instrumento artesanal.

Ainda no percurso do cortejo do Rosário se mantem em duas alas compostas por trajes vermelhos e azuis, indo no meio do povo lembrando as embaixadas africanas nos cortejos das festas religiosas tanto na África como em Portugal que encenavam dentro do espaço normatizado da religiosidade da igreja romana sua resistência e criação de uma identidade conjunta.

A representação do “Reis de Congo” no espaço da procissão do Rosário em Pombal é a de um monarca simbólico que ocupa seu espaço junto com os brincantes para rememorar seu papel simbólico. Ao lado da igreja e de certa forma, abaixo dela, o é o Rei Congo por princípio uma figura da cultura local, popular, festiva e devocional. Suas ações estão sendo legitimadas pela igreja enquanto este faz parte da festa em louvor ao Rosário.

Sendo assim, é podemos compreender as afirmações de Marina de Mello e Souza quando afirma que,

A rememoração simbólica do reino africano católico afirmava uma “africanidade”, ou seja uma conexão com a África construída a partir do Brasil e da experiência aqui vivida, que indicava uma particularidade da comunidade negra, uma identidade própria que a distinguia mesmo quando adotava o catolicismo e outras tradições de origem portuguesa como a organização em irmandades leigas (2005, p. 90).

O produto desta identificação e desta reelaboração talvez seja a recriação continua de um reinado simbólico em face de suas características culturais, dança, trajes, encenações, instrumentos e devoção aos santos católicos. Há, portanto, um ajustamento da cultura que se hibridiza para permanecer viva. A resistência indentitária é a marca da estruturação das Congadas protagonizadas por seus “Reis de Congo”.

“NOSSO REIS AQUI NÃO MANDA...”.

“Meus pretinhos de Congo
Donde vem nessa hora
D` abarc´ Aruanda e

Vamos pr' Angola"⁷⁵

Neste ponto discutiremos as representações do rei de Congo a luz de sua musicalidade e da análise proposta por Roberto Benjamim (1977) acerca dos Congos de Pombal. A proposição implica em uma leitura do trecho musical dramático que por meio de um cântico da oralidade foi sendo registrado e comporta algumas representações explícitas no texto poético.

O trecho do cântico acima, faz uma referência ao nome ao qual o grupo dos Congos é conhecido: “Pretinhos de Congo”, uma reminiscência da cultura africana que festejava seus “pretos velhos”, “pretos da guiné” que no contexto aqui analisado são figuras que são lembradas dentro do contido na hora do trecho dramático. Some-se a isso uma referência a Angola como um reino africano do século XVI que foi grande entreposto de escravos trazidos pelo Atlântico para as américas, principalmente o Brasil.

Em outro trecho, o cântico de embaixada dos Congos de Pombal dá voz ao aspecto religioso em louvação a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Assim diz o cântico,

Santana dá louvor
Rosário de Maria,
Enche o céu de glória,
E a terra de alegria.
Dizei, dizei, hoje nesse dia (2x),
Vamos ver o Rosário
Vamos ver Maria⁷⁶

O cântico de embaixada dos Congos de Pombal revela devoção católica, maria na principalmente, pois revela uma introdução ao louvor da “divindade romana” que ora se sustenta na fé popular, hora na recriação cultural que vem dos grupos instituídos tanto a própria igreja quando os já citados Congos.

O trecho dramático reveja que a fé e a ressignificação do catolicismo feita pelo reinado Congo traz para se as formas de fazer e representar o congado, e que tais formas passam pela maneira como se organizam, se estrutural e atual, isso diz respeito a como se faz a descrição do momento de apresentação dos Congos, onde,

Os Congos apresentam-se em duas alas de 5 participantes cada. Os elementos dos dois cordões vestem saias rendadas brancas, cujos bordados lembram as alvas que os padres usavam entre os paramentos da missa; por baixo, vestem uma saia de armar com um aro de arame e, sob esta, a “saia de baixo”, sobre

⁷⁵ Cântico de embaixada dos Congos de Pombal-PB (BEIJAMIM, 1977, p. 10).

⁷⁶ Cântico introdutório dos Congos de Pombal-PB (BEIJAMIM, 1977, p. 10).

calças compridas brancas. Calçam sandálias sertanejas rústicas ou sapatos, indiferentemente. Sobre a cabeça portam chapéus afunilados de papelão, na cor da blusa, enfeitados de espelhos, vidrilhos e areia prateada. Os congos do cordão do Secretário ventem blusas azuis e os do cordão do Embaixador, encarnadas. O Secretário sobre a blusa azul porta uma faixa encarnada e o Embaixador uma faixa azul sobre sua blusa encarnada (BENJAMIN, 1977, p. 09).

Roberto Benjamim nos faz perceber como se dá esta estruturação, como o reinado dos Congos se apresenta e realiza sua ritualística. O rei do Congo em Pombal revela neste sentido a simbologia de rememorar as formas africanas de identidade, isso no sentido de que a representação da realeza passa pelo comportamento de todos no grupo compondo o congado, suas maneiras de ser e fazer o ritual do congado. Manifesta, portanto, na musicalidade, no cortejo dramático e em dançar com suas saias brancas e seus maracás em punho. Demonstram assim que,

A música dos Congos é produzida pelos maracás e marcada pelos vigorosos passos de dança, acompanhados de viola. Os Congos fazem as invocações iniciais e dançam sem se preocupar com a presença do Reis no trono; na verdade ele está ausente da cena, do ponto de vista antiilusionista da apresentação (...) tanto o canto, como a fala das embaixadas é dita em português estropiado e algumas palavras soltas, que parecem ser de dialeto africano, de sentido inteiramente esquecido (BENJAMIN, 1977 p. 06).

Essa musicalidade comporta o entendimento de que as representações simbólicas da do cântico, dá dança, dos trajés da realeza no congado de Pombal revelem como ela se organiza, em torno de homens comuns, de afro-brasileiros que rememoram suas tradições, por representações advindas das heranças africanas, uma simbologia que serve para as práticas das Congadas, dado o relato de Roberto Benjamim, que em seu livro traça um apanhado discricionário de uma prática cantadeira rica de detalhes que são mais perceptíveis aos olhos de quem vê o ritual acontecer sem dele participar, sem estar incluso (FARIAS, 2016, p. 39).

Estando assim, revelado um laço indissociável da cultura negra que preserva os hábitos dos “homem cor” que caracteriza a historiografia africana em torno do estudo dos reis negros.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Roberto. **Congos da Paraíba**. Caderno de Folclore – FUNART, 1977.

FILHO, Mello Moraes. **Festas e tradições populares do Brasil**. -3ª Edição, Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1946.

SOUZA, Marina de Mello e. Reis do congo no Brasil, séculos XVIII e XIX. In: **Revista de História**, n. 152, 2005, p. 79-98.

THORNTON, John Kelly. **A África na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800 –** Rio de Janeiro: Else vier 2004.